

Varnhagen, o perseverante defensor da interiorização



MAIS UMA VEZ, VARNHAGEN

Ainda em Madri, servindo como diplomata na Embaixada do Brasil, volta Francisco Adolfo de Varnhagen um ano depois, em 1850, a discutir a necessidade da interiorização da Capital e referendar pontos de vista expostos na primeira parte de seu Memorial de 1849.

Nesta sua publicação complementar, além de abordar outros assuntos e sugerir medidas transcendentais aos interesses do Brasil, Varnhagen se detém no problema da situação da Capital. Refere-se ao flagelo da febre amarela, no Rio de Janeiro, e que "só nos sertões se acha abrigo", ao mesmo tempo em que se reporta a Cormorant que se "atravessa a fazer bem sensível a facilidade com que se pode insultar impunemente um porto de mar...

Depois de citar estes dois fatos, Varnhagen indaga se "não temos coragem, nem força política, nem fé, para legislar a mudança da Capital", e ele mesmo responde advertindo que "tenhamos-la, ao menos, para decretar uma vez a convocação da Assembléia Geral da Nação a algum outro ponto". Cita exemplos da Europa, da Ásia e da América nesse sentido. Diz, então: "Vamos ensaiando qual é o lugar que se poderá ir considerando como substituto do Rio, ao menos para quando (Deus as arrede) a peste ou a fome ou a guerra nos obrigarem repentinamente a buscar um refúgio longe do litoral".

Alegando que o Brasil não tem ambições de conquistar novas terras além do Atlântico nem tampouco extender suas fronteiras para o Ocidente, e "se a nossa missão for só conservarmos íntegro o território que era de nossos pais, e melhorá-lo quanto possível, a Capital num lugar forte e central é a melhor".

O MEMORIAL NO BRASIL

O "Memorial Orgânico" de Francisco Adolfo de Varnhagen, editado em Madri, em duas partes, nos anos de 1849 e 1850, foi transcrito, no Brasil, no ano seguinte de 1851.

Estando Varnhagen em visita ao Brasil, consentiu, por solicitação de Joaquim Caetano da Silva, que o jornal revista "Guanabara" o republicasse, o que aconteceu.

Na edição espanhola da "Imprensa da Viuva de D.R.Y. Dominguez", o folheto circulou anonimamente; no "Guanabara", Varnhagen permitiu que fosse assinado, por sugestão de amigos seus. É o próprio Varnhagen quem justifica a questão do anonimato: "...pela simples razão de julgar eu mais conveniente apresentar-me em campo de visseira calada, para que as minhas idéias chegassem a ser alijadas segundo a sua valia, sem a prevenção nenhuma do autor". Na publicação de "Guanabara", Varnhagen fez algumas emendas e incluiu outros novos conceitos, os quais desenvolveu, posteriormente em 1877, em maior profundidade, no opúsculo "A Questão da Capital: Marítima ou no interior?", após realizar uma viagem pelo Planalto Central.

DUGUAY TROUIN

Em 1857 (e não 1854) descrevendo, no tomo II da sua "História Geral do Brasil", a ocupação do Rio de Janeiro por Duguay Trouin, Varnhagen faz uma reflexão: - "Valha-nos ao menos tamanha lição e tamanha vergonha para o futuro... permita Deus que seja quanto antes retratada a Capital do Império, tão vulnerável, aí na fronteira, e tão exposta a ser ameaçada de um bombardeio e a sofrer-lo com grandes prejuízos dos seus proprietários, por qualquer inimigo superior do mar, que se proponha arrancar do Governo, pela ameaça, concessões em que não poderia pensar, se o mesmo Governo af se não achasse".

O EXATO LOCAL

Concluindo tais reflexões, o consagrado historiador Adolfo de Varnhagen sugere o exato local onde, mais tarde, cerca de meio século depois, Luis Cruls posicionaria a área da futura Capital: no triângulo formado pelas três lagoas Formosa, Feia e Mestre d'Armas.

Eis como Varnhagen definiu, em 1857, esta posição:

- E isto quando a própria Providência concedeu ao Brasil uma paragem mais central, mais segura, mais sã e própria a ligar entre si os três grandes vales do Amazonas, do Prata e do São Francisco, nos elevados chapadões, de ares puros, de boas águas, e até de abundantes mármore, vizinhos ao triângulo formado pelas três lagoas Formosa, Feia e Mestre d'Armas, das quais manam águas para o Amazonas, para o São Francisco e para o Prata".

UM DEFENSOR PERSEVERANTE

Francisco Adolfo de Varnhagen não limitou apenas a estes fatos a sua luta pela idéia da interiorização da Capital. Já agraciado Visconde de Porto Seguro e exercendo funções diplomáticas em Viena, Áustria, Varnhagen licenciou-se do cargo, por seis meses, para empreender, na avançada idade de 61 anos, uma viagem pelo Planalto Central, da qual resultou dois importantes documentos seus: uma Carta ao Ministro da Agricultura e o opúsculo "A Questão da Capital: Marítima ou no interior?".

Francisco Adolfo de Varnhagen aliou suas pujantes condições de escritor às de geógrafo e antropólogo clarividente para se constituir, na História, o mais perseverante e erudito defensor e planejador do ideal de interiorização da Capital brasileira, durante o Brasil Império.

Documentos

da Biblioteca

Maria Idelsé

O que Brasília é hoje tem muito das idéias fulgurantes e da clarividência de Francisco Adolfo de Varnhagen, que ao longo de quase meio século de sua vida, no Brasil Império, fez da transferência da Capital do Brasil para uma região interiorana, um dos seus objetivos.

Nos seus melhores momentos, desde os 23 anos quando estudante de Engenharia em Lisboa até meses antes de seu passamento aos 62 anos de idade, Varnhagen lutou pela vitória da idéia de interiorização da Capital brasileira, justificando a sua necessidade e importância em função da segurança, da grandeza e da unidade nacionais.

VARNHAGEN E A INTERIORIZAÇÃO

A primeira manifestação de Adolfo de Varnhagen em favor da transferência da Capital data de 1839, numa carta ao Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Depois, em 1845, em "Épicos Brasileiros", sugere até um local: a cidade de São João d'el Rei, em Minas; todavia, mais tarde, em 1849 e 1850, depois de mais meditar sobre o assunto, lança, no seu "Memorial Orgânico", uma nova "posição mais vantajosa": o Planalto Central, situando e localizando a cidade para ser a futura Capital.

Todos os seus pontos de vista até então expostos, foram referendados e, com ênfase, ratificados mais tarde, em 1857, no tomo II da sua História Geral do Brasil.

E foi mais longe Varnhagen, ao visitar, em 1877, com a provelta idade de 61 anos e viajando em lombo de burro, a região do Planalto Central, de onde, da Villa Formosa da Imperatriz (hoje, simplesmente Formosa), escreveu uma carta ao Ministro da Agricultura sobre a região que visitara e, já em Viena, onde era Embaixador e com o título de Visconde de Porto Seguro, editou o seu melhor trabalho em defesa da interiorização da Capital: - "A Questão da Capital: Marítima ou no interior?".

VARNHAGEN E BRASILIA

Francisco Adolfo de Varnhagen demonstrou as desvantagens do Rio de Janeiro como Capital; sugeriu a criação e fundação de uma cidade nova e não o aproveitamento de uma já existente; indicou para local "uma situação como não tem segunda" nas cabeceiras dos Rios Amazonas, Prata e São Francisco; propôs esta situação nas vizinhanças do triângulo formado pelas três lagoas Formosa, Feia e Mestre d'Armas; apontou o paralelo 15º, e 16º, como a latitude mais vantajosa; condicionou uma altitude de 3.000 pés (cerca de 1.000 metros) para garantir melhor clima; acrescentou a conveniência de a cidade ficar numa chapada pouco elevada e sem muitas irregularidades; posicionou a sua localização geral a uma distância igual a cinco pontos: Rio, cidade de Oeiras (Plaut), Bahia, Culabá e Curitiba; anteviu que "algum dia, os mineiros" iriam "chamar a si a Capital por conquista"; quis uma cidade-capital com uma lagoa e uma península; desejou que, nas suas cercanias, existissem mananciais para abastecer d'água a cidade; previu até um nome: "Imperatoria, que justifica sua missão; e, em tudo, argumentou a importância da transferência da Capital para o interior, alegando razões de segurança, produção, comunicação, clima, assistência e ação civilizadoras.

E a Brasília Inaugurada, em 1960, pelo "mineiro" Juscelino Kubitschek é um retrato e uma confirmação da Imperatoria sonhada, proposta e planejada um século antes por Francisco Adolfo de Varnhagen. Toda a localização é a mesma e até o Plano Piloto de Lúcio Costa tem pinceladas das previsões de Varnhagen.

A PRIMEIRA MANIFESTAÇÃO

Estudante ainda, em Lisboa, do Curso de Engenharia, Francisco Adolfo de Varnhagen já se preocupava com a idéia da interiorização da Capital do Brasil. E disto deu provas, aos seus 23 anos, quando, em 1839, dirigiu carta sobre este e outros assuntos ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Nesta carta, Varnhagen dá ciência ao Instituto de alguns estudos que realizara sobre assuntos brasileiros e anuncia dispor, já, de riquíssimo material de pesquisa geográfica sobre o Brasil, do que se ocuparia, no futuro, num trabalho em que traria um projeto de divisão e sub-divisão territorial e da conveniência de uma nova Capital para o Império.

Diz Varnhagen, em sua correspondência de 1839, que "em outro escrito, para o qual já tenho riquíssimos elementos, procurarei para o futuro dar um projeto de divisão e sub-divisão territoriais; local mais conveniente para a Capital do Império etc" e que "esta é obra de tão grande circunstância, que não sairá tão cedo". Realmente, esta obra só foi divulgada dez anos depois, sob o título de "Memorial Orgânico".

Esta foi, então, em 1839, a primeira manifestação de Francisco Adolfo de Varnhagen sobre a interiorização da Capital do Brasil, ao contrário do engano de Luis Cruls que se refere ao ano de 1834 como sendo o primeiro momento em que Varnhagen abordou a questão. neste mesmo engano de Cruls incidiram, posteriormente, escritores e políticos patrícos, entre os quais Magalhães Jr., Osvaldo Orico, Moisés Gicovate, Martins Ramos, Horácio Mendes, Peixoto da Silveira, entre outros.

LITORAL E INTERIOR

Num adendo a uma notícia sobre o Frei Santa Rita Durão, no seu livro "Épicos Brasileiros", editado em 1842, Francisco Adolfo de Varnhagen propõe, em 1845, que a futura universidade brasileira se instale nos sertões interiores. E aponta como local São João d'el Rei. Justifica, no caso, as vantagens da região, de "excessiva abundância e barateio do necessário à vida" e argumenta com a tese de que nas regiões elevadas dos países tropicais "têm os habitantes mais atividade, e o clima se presta mais aos trabalhos do espírito".

Anexa, então, a estas justificativas, outras de sentido estratégico e de espírito nacionalista, para demonstrar as desvantagens de uma cidade na orla marítima, seja para sede de uma universidade seja para sede da Capital do País, sugerindo, finalmente, que o Rio de Janeiro ceda a sua posição de Capital, por ser mais vantajosa para o Brasil a região interiorana.

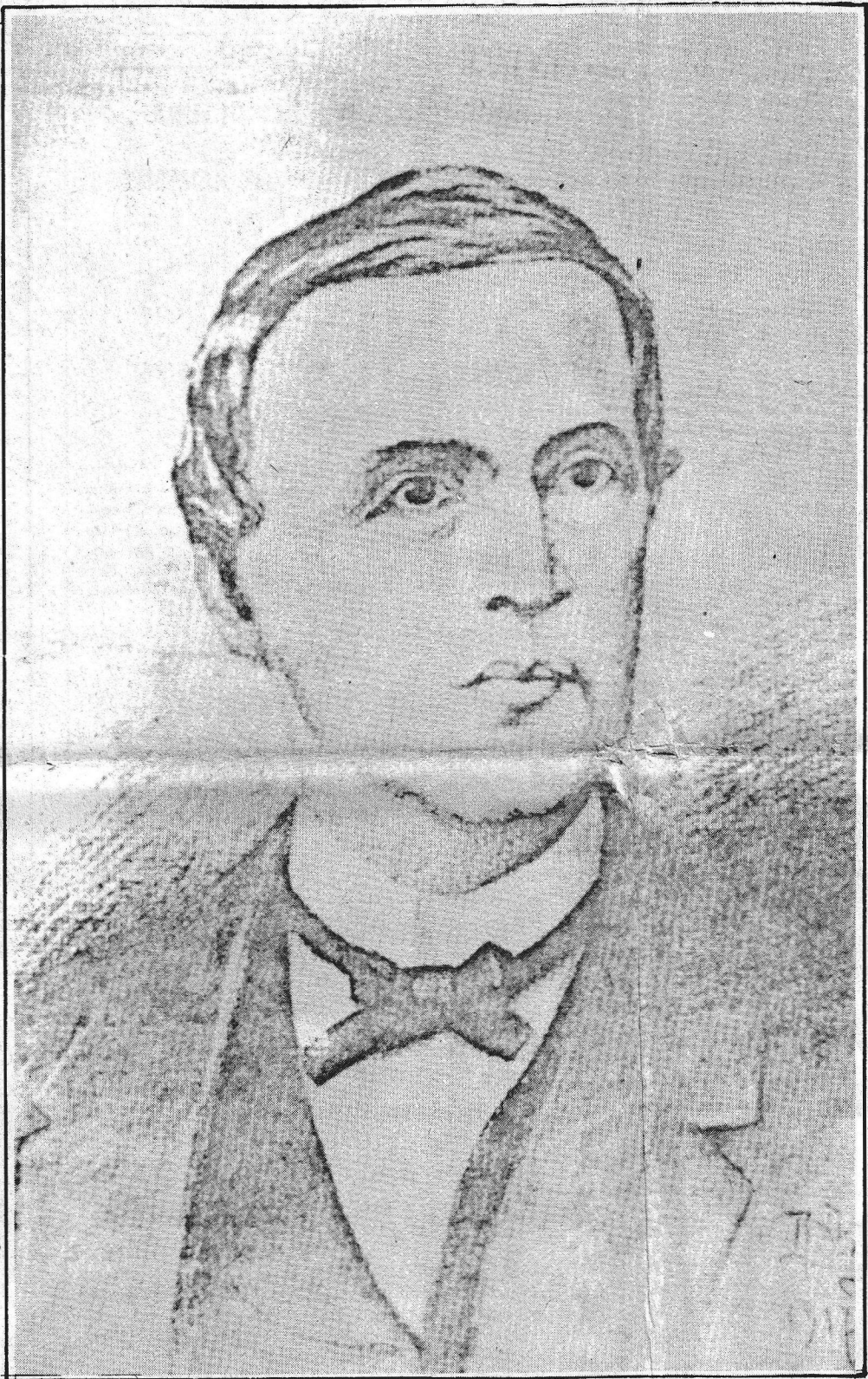
Argumentando e fazendo indagações justificadas, Adolfo de Varnhagen mostra os riscos de uma cidade marítima sujeita aos "insultos e provocações estrangeiras" e trata, subliminarmente, da formação de um espírito nacionalista, revelando, no caso, os proveitos de uma região tipicamente brasileira, como a dos sertões inte-

rioranos, afastada da orla marítima "sempre des-nacionalizada pelo contínuo aparecimento de vasos com bandeiras diferentes e pronúncia de línguas estrangeiras", ao mesmo tempo em que vítima das influências superfúas da moda e das vaidades ditadas pelo mercantilismo estrangeiro nos portos das cidades marítimas.

Depois de expor tais circunstâncias, através de perguntas intuitivas ou afirmações, Varnhagen antevê a interligação do litoral ao interior com "a introdução dos caminhos de ferro" no Brasil, cujo fato aliado à experiência e ao passar do tempo decidirão "se não convirá e muito" que o Rio de Janeiro ceda, "por vantagem sua e do Império", a sua qualidade de Capital.

MEMORIAL ORGANICO

Já na Espanha, na qualidade de diplomata brasileiro, Francisco Adolfo de Varnhagen editou, em Madri, em 1849, um folheto recomendando, ao abordar vários assuntos brasileiros, uma "paragem" no Planalto Central para Capital do Brasil.



Francisco Adolfo de Varnhagen, num desenho de Rodolfo Amoêdo, de 1917, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

das Assembléias Geral e Provinciais do Império, apresenta um brasileiro".

No ano seguinte, Adolfo de Varnhagen publica um segundo folheto de Aditamento ao "Memorial Orgânico" e no qual volta, mais uma vez, a estudar a questão da interiorização da Capital. A parte de impressão foi confiada por Varnhagen à "Imprensa da Viuva de D.R. Y. Dominguez".

No seu "Memorial Orgânico", o consagrado escritor brasileiro divulga, a partir de 1849, as idéias que dez anos antes, em 1839, anunciara, em carta, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

DESVANTAGENS DA BEIRA - MAR

Depois de historiar as razões da transferência da Capital, de Salvador para o Rio de Janeiro, Varnhagen discute, naquela conjuntura nacional, os dois locais - Bahia e Rio -, os quais, "embora se recomendem ao comércio pela bondade dos seus portos", não podem bastar para as necessidades do Império pois "são mui deslocadas cabeças para dirigir, como cumpre, tão grande corpo (o Brasil) que necessita concentrar-se".

Apesar das suas aparentes fortificações, nem uma nem outra oferecem à Nação - adverte Varnhagen -, as garantias de segurança e de inviolabilidade que ela exige, tenha o tabernáculo que guarda em si o Chefe de Estado, e seis primeiros delegados responsáveis, e o foro de seus representantes e legisladores.

Cita, então, exemplos de muitas nações da Europa e da América que têm suas capitais no interior, bem mais protegidas e sem os riscos de esquadras inimigas. Relaciona Londres, Paris, Berlim, Madri, Moscou, Bogotá, Quito, Caracas, Buenos Aires, entre outras, para, noutra situação, colocar a posição indispensável do Rio de Janeiro, servindo-se do exemplo de Duguay Trouin que, com facilidade, se assenhoreou da cidade.

Enteixa o seu raciocínio afirmando que o comodismo é tal qual luxo de termos a Capital sobre o mar, não compensam a fraqueza e o compro-

Este folheto, divulgado anonimamente, recebeu o título de "Memorial Orgânico que à consideração metimento que daí podem resultar para a Nação, e outras vantagens que se colheram de a transferir para o interior. Mesmo que fôssemos primeira potência marítima, mesmo assim Varnhagen destaca que "a Capital do Império não deve ser em porto de mar, sobretudo, atualmente, em que graças à invenção dos caminhos de ferro, podemos fazer em algumas horas comunicar com a beiramar qualquer ponto do sertão".

SITUAÇÃO DA NOVA CAPITAL

Depois de excluir a conveniência de portos de mar, Adolfo de Varnhagen abandona, igualmente, qualquer idéia de aproveitamento de uma cidade ou vila já feita e acabada, porque "todas têm o vício de origem, proveniente de uma riqueza que já não possuem", uma vez que sua "situação, assento e criação procederam de uma mina em que se trabalhou mais tempo a tirar ouro, e junto à qual os mineiros, irregularmente, edificaram suas primeiras barracas, perto dos escombros de cascalhos e desmonte da cata que abriam".

da-se mais no assunto para fixar os limites de escolha "para o assento da cidade". E, nisto, traçou um perfil da futura cidade, no Planalto Central, cuja descrição muito coincide com o que, mais de um século depois, seria consubstanciado no Plano Piloto de Lúcio Costa: uma cidade numa chapada pouco elevada e sem muitas irregularidades, lavada de bons ares, com uma lagoa e até península...

TRAÇOS DO PP DE VARNHAGEN

Eis alguns traços do plano piloto da futura capital do Brasil, na antevisão de Varnhagen, em 1849:

- Os seus limites devem ser oferecidos pelos mesmos três rios (nascentes do Amazonas, Prata e São Francisco) que fazem a posição tão vantajosa; deve ser o compreendido no triângulo formado pelos três portos de canoas de cada um deles que mais se aproximem entre si.

- Uma chapada pouco elevada e sem muitas irregularidades na extensão de mais duma légua quadrada, sendo situada à borda de um rio, que embora aí não seja navegável, tenha no tempo seco bastante água para lavagens de roupas, banhos, gado, etc.

- Deve ser lavada de bons ares, e ter escoante bastante para que seus canos possam sair no rio uma légua abaixo; não deve ter perto pântanos, nem águas encharcadas.

- Será a dita chapada naturalmente defensável, e sem padroatos a alcance da artilharia. Mas a duas ou três léguas convirá que haja montanhas com mananciais que a todo o tempo se possam encanar.

- Sendo possível preferir-se-á a localidade em que o rio, torneando uma igual chapada, a deixe como em península, ou se não onde o mesmo rio faça uma lagoa; com tanto que esta não seja causa de serem os ares menos saudáveis.

- Deve haver a distância razoável, até 3 léguas (18 quilômetros), bastante mata, pedra de construção, e sendo possível também calcário.

- Como a localidade que se deveria preferir tem de estar em 15º e 16º de latitude, convém que fique elevada sobre o mar pelo menos 3.000 pés (cerca de 1.000 metros), afim de que, como na cidade do México, que se acha da banda do norte quase na mesma latitude, puros e saudáveis ares.

IMPORTANCIA DO CLIMA

Francisco Adolfo de Varnhagen, nas suas considerações e sugestões do "Memorial Orgânico", deu ênfase especial à escolha do local, tendo em vista as situações de clima, fundamentando-se em teorias de Montesquieu e Humbold.

Ao recomendar que a nova cidade fique elevada cerca de 1.000 metros de altitude, Varnhagen afirma que "a mencionada recomendação funda-se na teoria de que na mesma latitude a temperatura é mais fria à medida que nos elevamos", e acrescenta: "A lei do arrefecimento está sujeita a muitas condições desenvolvidas pelo grande Humbold no artigo de Climatologia do seu "Cosmos", livro que conviria ter à vista quem procedesse à escolha do local".

Considera Varnhagen, porém, que "assentando por aproximação que esse arrefecimento é, na Nação, de 1.000 pés (330 metros) de altura por 10 graus de longitude, na latitude de 15º, uma paragem elevada sobre o mar 3.000 pés (cerca de mil metros) terá a mesma temperatura que a borda deste em 45º, o que equivale ao clima dos melhores países do sul da França, e do norte da Itália".

Dentro dessas considerações, Varnhagen destaca que "seria fácil achar" esta posição favorável talvez junto às lagoas de Felix da Costa, Formosa etc, o que se se realizasse, a posição da nossa Capital teria em tudo analogia com a do México situada como poucas sobre a terra; e satisfaria completamente ao grande princípio da escolha de um local de clima mais frio, para situar a Capital de um grande estado intertropical, princípio que Montesquieu prova ser verdadeiro pela história da humanidade na Ásia; visto que um tal clima permite ao governo e aos habitantes desenvolver mais energia".

PARTICIPAÇÃO DOS MINEIROS

Ao afirmar que o clima que sugeria "permite ao Governo e aos habitantes desenvolver mais energia", exemplifica ao juntar: "...como já sucede aos mineiros, que crescendo em número e população, se tornaram mais fortes do que os fluminenses..." E faz uma antevisão segundo a qual os mineiros poderiam executar a idéia da construção da nova Capital, ao declarar: "...e se o político não sabe ver no futuro e prevenir os males, poderão eles (os mineiros) algum dia chamar a si a capital por conquista".

VANTAGENS DA INTERIORIZAÇÃO

E, ainda, no seu "Memorial Orgânico", que Varnhagen alinha uma série de justificativas e vantagens da Capital do Brasil no interior central. Dentre as razões que sugere, destacam-se: segurança, produção, comunicação, integração nacional, distribuição equitativa das rendas, transporte, clima, assistência e ação civilizadoras - desde que a futura Capital se situe "à distância igual dos cinco pontos: Rio, Bahia, Oeiras, Culabá e Curitiba.

IMPERATORIA SERIA O NOME

Concluindo suas observações e planos para a edificação de uma cidade no interior central para Capital do Brasil, Adolfo de Varnhagen propõe o nome de Imperatoria para a nova cidade.

E a seguinte a sua proposição:
- Para a nova cidade destinada a ser sede do Império, propomos o nome Imperatoria, que explica a sua missão.